



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

OLHOS D'ÁGUA DE CONCEIÇÃO EVARISTO NA SALA DE
AULA: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO COM OS CONTOS
“QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE?” E “ZAÍTA ESQUECEU
DE GUARDAR OS BRINQUEDOS”

RANEIDE BARBOSA SABINO

CAMPINA GRANDE – PB

2017

RANEIDE BARBOSA SABINO

OLHOS D'ÁGUA DE CONCEIÇÃO EVARISTO NA SALA DE
AULA: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO COM OS CONTOS
“QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE?” E “ZAÍTA ESQUECEU
DE GUARDAR OS BRINQUEDOS”

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Tassia Tavares de Oliveira.

CAMPINA GRANDE – PB

2017

RANEIDE BARBOSA SABINO

OLHOS D'ÁGUA DE CONCEIÇÃO EVARISTO NA SALA DE
AULA: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO COM OS CONTOS
“QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE?” E “ZAÍTA ESQUECEU
DE GUARDAR OS BRINQUEDOS”

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão do curso.

Apresentada em 06 de Setembro de 2017

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Tássia Tavares de Oliveira
Orientadora

Prof.^a Ms.^a Paloma do Nascimento Oliveira
Examinadora

Prof.^a Ms.^a Francielle Suenia da Silva
Examinadora

Dedico a Deus, pelo dom da vida, por sempre guiar meus passos.

“Minha Rocha Inabalável, meu socorro bem presente
Nos momentos mais difíceis
Minha Torre Forte, meu Senhor e Rei
Meu consolo nas aflições
O meu lar, minha família, minha vida, tudo enfim
Eu entrego a Ti”
(Rose Nascimento)

Dedico a minha família.

Em especial, a meu saudoso pai, Manoel Barbosa Da Silva (In memoria), o maior idealizador
desse sonho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, pelo respirar, pelo consolo nas horas difíceis. Pela força para enfrestar as barreiras, pela coragem para superar os desafios. Pela minha família e por todas as pessoas que colocaste em meu caminho, até a conclusão deste trabalho. Por tudo que és, obrigado.
Sem ti eu nada seria!

Aos meus pais.

Manoel Barbosa da Silva (in memoriam) e Vera Maria Sabino, pelo amor e carinho, pela dedicação, compreensão e confiança. Pelos ensinamentos, pelos sermões, pelas palmadas e, principalmente, pelos exemplos. Estes, me fizeram/tornaram ser quem hoje sou.

Aos meus irmãos.

Renato Barbosa Sabino, Rômulo Barbosa Sabino e, especialmente, a Raiane Barbosa Sabino, minha gêmea, companheira de útero e da vida. Vocês são, a essência de minha vida, eu amo vocês, incondicionalmente.

A minha orientadora Prof.^a Dr.^a Tássia Tavares de Oliveira, pelo empenho dedicado à elaboração desse trabalho, pela orientação competente, apoio e confiança, pelas suas correções e incentivos ao longo do mesmo. Por me apresentar a autora e obra desse estudo, de fato, sua ajuda foi fundamental.

A Prof.^a Ms.^a Paloma do Nascimento Oliveira, com quem partilhei o início daquilo que veio a ser esse trabalho. Pelas nossas conversas, em que veio a me indicar essa excelente orientadora. Desde o princípio, desejei a sua participação na banca examinadora deste trabalho.

A Prof.^a Ms.^a Francielle Suenia da Silva, pela leitura e participação nessa etapa avaliativa do trabalho.

A minha cunhada, amiga e irmã M.^a do Patrocínio, pelas risadas, pelas noites e madrugadas em cedeu sua casa e as vezes até acordou comigo plantada na sua sala terminado esse trabalho, por me presentear com o amor mais lindo “ser Tia” de Maria Alice, tu é show bb, e que venha Analú.

Ao meu anjo e verdadeira amiga Joselinha Fidelis, pelo carinho, pelo ombro amigo pra chorar, pelos abraços, pelas risadas, pelos conselhos, pelas conversas e madrugadas mais linda e loucas da vida, pelo incentivo, por entender as minhas ausências e sempre se fazer presente, valeu “viado”.

Às minhas companheiras e leais amigas de Curso, Rita de Cássia, Emmanuelle Silva e Laila dos Santos, que mesmo desistindo do curso, exceto, Manu, não me abandonaram, a amizade de vocês foi essencial nessa conquista.

Às queridas bruguelas, Vanessa Azevedo, Maysa Souza, por agitarem as minhas madrugadas e fazerem com que eu ficasse acordada mais tempo que planejava.

Às sobreviventes do curso, Emily, Mariana, Dízia, Diana, Katianny, Felipe, Priscila e, especialmente, a Jacilene, Tatyane, Elton e Déborah, por sempre me ajudarem quando precisei.

Às meninas do período da noite, Iara, Jailda, Mirella, Raiana, Hingrid, Vanessa, Pr. Rayane, Vanessa, Manu, em especial, a Renata pela parceria e trabalhos apresentados. Vocês são demais, os períodos não seria os mesmos sem vocês.

A Unidade de Educação Infantil da UFCG, e às pessoas com quem convivi nesses espaços ao longo desses anos. Em especial a minha tia e coordenadora M. Betânia (Bel), pela oportunidade de estagiar nesse espaço. As experiências, aqui, adquirida levarei comigo para o resto da vida. Sem esquecer do eterno carinho que tenho pelos meus pequenos.

A escola “Dr. Cunha Lima” e colégio “José Bronzeado Sobrinho”, por abrirem as portas para que pudesse realizar os estágios e consequentemente a pesquisa que resultou neste trabalho.

A todos os professores, mestres e doutores da Unidade Acadêmica de Letras por me proporcionar e transferir o conhecimento, não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.

A todos aqueles que fizeram parte direta ou indiretamente, desse sucesso, os meus mais sinceros, agradecimento.

RESUMO

Esta pesquisa é resultado dos estudos realizado na escola pública estadual de ensino fundamental e médio José Bronzeado Sobrinho no município de Remígio – PB, a partir dos contos “Quantos filhos Natalina teve?” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” da obra *Olhos d`agua* da escritora mineira e contemporânea Conceição Evaristo. Este estudo tem como fim intervir e atenuar nas lacunas existente no ensino de literatura na educação básica, além de verificar a recepção e reflexão dos alunos, obtendo enfoque nas diversas temáticas do século XXI e na construção do sujeito afrobrasileiro/negro no âmbito escolar. Acreditamos que o estudo em foco seja relevante, pois apresenta possibilidades para trabalhar a literatura afrobrasileira, constituindo, ferramentas fundamentais para a formação educacional brasileira, a partir dos estudos étnicos, sociais e culturais. Como pressupostos teóricos, utilizamos os estudiosos Eduardo de Assis Duarte (2011) e Luíza Lobo (1998), que contribuem para os estudos literatura negra/afrobrasileira. E os conceitos de literatura contemporânea e ou na sala de aula de Alfredo Bosi (1974) e Regina Dalcastagné (2007). Utilizamos, ainda, para metodologia, as concepções de Jauss (1994) a respeito da Estética da recepção e os método recepcionais de Bordini & Aguiar (1988), além dos princípios básicos para sequência didática básica de Cosson (2014). Esta investigação conclui que o ensino de literatura afrobrasileira/negra é relevante e indispensável tanto quanto o ensino de língua, na formação do leitor. Para além disso, a educação brasileira necessita, prementemente, fazer uma avaliação a respeito do ensino de literatura afrobrasileira no âmbito escolar, bem como considerar novos caminhos que visibilizem pedagogicamente a questão racial no contexto social.

Palavras-chave: Literatura Afrobrasileira; Literatura Contemporânea; Estética da Recepção; Letramento Literário; Educação Brasileira; Conceição Evaristo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. CONCEIÇÃO EVARISTO: LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA DE AUTORIA FEMININA E NEGRA	
1.1 A autoria feminina na literatura brasileira	12
1.2 Literatura afro-brasileira/negra na sala de aula	15
1.3 Literatura brasileira contemporânea e a questão da violência	20
2 OS CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO NA SALA DE AULA: PROPOSTA E RECEPÇÃO	
2.1 Uma experiência de ensino/aprendizagem com os contos de Olhos d'água	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39
ANEXOS	42

INTRODUÇÃO

A Literatura é arte de criar e compor escritos artísticos. Através dela conseguimos fugir de nós mesmos ou nos encontrar, viajar e conhecer outros lugares sem que ponhamos os pés fora do lugar onde estamos. O poeta português Fernando Pessoa em o *Livro do Desassossego* (1913), assinado pelo semi-heterônimo Bernardo Soares, destaca que “A literatura é a maneira mais agradável de ignorar a vida” (SOARES, 1982, p. 392). Sendo assim, podemos compreender que por meio da literatura é possível “desprezarmos” a vida que temos e criarmos um universo autônomo a partir de verdades que não podem ser determinadas pelos mesmos modelos das verdades factuais. No entanto, é relevante destacar que essa rejeição não afasta o leitor daquilo que é real, ele apenas transfigura a realidade em que vive, como declara, Afrânio Coutinho (1978):

A Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. (COUTINHO, 1978, p. 9-10)

Diante disso, podemos considerar que através dos gêneros e formas a linguagem literária se manifesta e a literatura deixa de ser o plano das ideias para se tornar um poderoso instrumento da linguagem, comunicação e interação. Sendo, pois, parte de nós, da vida que criamos/precisamos para sobreviver à dura realidade do dia a dia. O filósofo e crítico Roland Barthes, em sua obra *Elementos de semiologia* (1964, p. 171), afirma que “A literatura não permite caminhar, mas permite respirar”. Isto significa dizer, que a literatura, é o campo da liberdade, “que se manifesta através das obras literárias e função humanizadora” (CANDIDO, 1999, p. 81).

No entanto, é possível verificar que o ensino de literatura na educação básica não tem sido tão relevante, como exemplo, a escola onde atuamos, esse ensino é reduzido apenas ao que está estabelecido no livro didático. Diante disso, percebemos que a prática literária não é tão simples de ser inserida quando alguns professores não possuem este hábito de leitura e também impedem a estima dos alunos por esta. A escola engessa o ensino de literatura quando reduz esta prática apenas ao que está estabelecido nos livros didáticos, ao invés de

motivar e favorecer o enriquecimento dos alunos para análise, interpretação e aquisição dos mecanismos envolvidos no processo de formação do leitor.

Apesar da extrema importância de se trabalhar a Literatura em sala de aula tanto quanto o ensino de gramática, notamos que existe ainda uma grande lacuna neste meio do processo-aprendizagem. Pois a maioria das escolas que diz ter ensino de literatura em sala de aula, geralmente, não oferece suportes teórico e metodológico como auxílio na prática pedagógica dos professores, tampouco incentivam ou proporcionam meios para chamar atenção dos alunos à leitura literária. Porém, a literatura deve ser um fator intrínseco na vida e formação do educando, e, por isso, é responsabilidade do educador destacar em sala de aula o estudo literário, auxiliar nas produções de conhecimentos e criatividade para além do que está apresentado nos livros didáticos.

Neste sentido, é válido conhecermos ainda mais sobre a diversidade literária que permeia nosso universo, além do cânone comumente apresentado nos livros do ensino médio. Nesta pesquisa daremos ênfase ao ensino da “Literatura Afro-Brasileira/Negra”, que embora a temática tenha se tornado obrigatória nos currículos do ensino fundamental e médio, desde o início da Lei nº 10.639¹, de 9 de janeiro de 2013, é notório que a implantação desta lei ainda não consegue abranger todas as escolas, tendo então uma omissão dessas medidas na sala de aula. Por este motivo, acreditamos que seja válido e significativo o ensino da literatura afrobrasileira na escola para ampliar o conhecimento dos educandos sobre as questões de raça, cultura e história da população afro-brasileira.

A obra adotada para esta pesquisa é da escritora Conceição Evaristo, uma das principais referências da literatura brasileira contemporânea, porém, ainda pouco conhecida nas escolas do país ou estudada nos cursos de Letras. Verificamos como ainda é limitado o número de autoras e personagens femininas de destaque que são apresentadas pela crítica literária e na história da literatura, principalmente se considerarmos autoras e personagens negras. A obra aqui selecionada para estudo é intitulada *Olhos d'água* (2015), composta por quinze contos, que se fundem ao abordar diversas temáticas do cotidiano que refletem sobre a pobreza, a violência, a desigualdade social, a miséria, a memória e a vida de um conjunto de personagens afro-brasileiros, dentre eles mulheres, homens, crianças e idosos. Propomos este estudo no intuito de atenuar nessa lacuna existente no ensino de literatura da educação básica. Logo, acreditamos que seja relevante propor essa pesquisa-ação sobre o ensino de Literatura

¹ Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

que está tão atrelado à realidade dos alunos e, particularmente, aos problemas sociais, sobretudo nas questões do século XXI, relatados nos contos de Conceição Evaristo.

Dessa forma, a autora constrói na obra um discurso sobre a representação da sociedade atual, o que é um fato imprescindível na literatura contemporânea; também evidencia em suas falas e textos alguns fatos intrínsecos e obscuros nos estudos da literatura escrita por mulheres e de origem afrobrasileira. Preocupados, portanto, com o rumo que a escola tem dado à literatura, em especial à afro-brasileira/negra e, acreditando que, nós professores de Língua Portuguesa, podemos mudar essa realidade, abordaremos nesta pesquisa práticas que podem aproximar o aluno do texto de forma envolvente, a partir dos contos de Conceição Evaristo. A fim de apresentar, analisar e discutir o livro de contos que reflete sobre a vivência da população afro-brasileira, além de expor uma proposta de ensino/aprendizagem sobre a obra para o ensino médio e anos finais do ensino fundamental. Vale salientar, que o nosso foco, nessa pesquisa, será dado apenas aos contos “Quantos filhos Natalina teve?” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”. Além de verificarmos e relatarmos a recepção e experiência realizadas e vivenciada com os alunos do ensino médio.

A metodologia adotada nesta pesquisa é uma abordagem com coleta de dados que implica em cunho qualitativo nela pretendemos discutir a produção cooperativa de conhecimentos específicos sobre a realidade vivenciada, através da autorreflexão coletiva cumprida pelos alunos de maneira que possam melhorar a racionalidade e a razão de suas próprias práticas sociais e educacionais. É importante ressaltar que esta pesquisa foi constituída numa instituição escolar onde ocorrem situações didáticas centradas na ação e reflexão dos alunos. Por isso, o processo da pesquisa ocorreu por meio do material bibliográfico que descreve sobre as temáticas em questão e selecionado conforme a realidade/contexto social dos alunos, com o propósito de construir uma relação entre os conteúdos abordados e o cotidiano dos alunos. Além de fazer com que todos compreendam a dimensão e relevância dos estudos étnicos, sociais e culturais como partes da formação educacional brasileira.

Para o processo de pesquisa ação, utilizaremos a sequência básica do letramento literário na escola, sugerida por Cosson (2014), instituída por quatro passos: 1) motivação; 2) introdução; 3) leitura; 4) interpretação. A primeira etapa foi composta por dinâmicas e discussões a respeito dos estudos literários na escola. A segunda etapa foi firmada pela apresentação do conceito de literatura afro-brasileira e exposição da obra *Olhos d'água*, publicada em 2015 e bibliografia da escritora Conceição Evaristo. Aqui, observaremos, minuciosamente, a recepção e criticidade dos alunos para com a obra e autora, assim como a

identificação das temáticas e associações as questões raciais presentes nos contexto em que vivem, tal como as práticas e representações de outras culturas no espaço escolar. Na terceira etapa foi introduzida a proposta de leituras dos contos “Quantos filhos Natalina teve?” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” vale destacar que após a leitura e discussão de cada texto, foi realizado um exercício para avaliar o conhecimento e compreensão dos alunos. A quarta e última etapa foi findada pela interpretação dos contos, que refletem sobre a vivência de alguns personagens marginalizados na obra, exclusivamente, do sexo feminino, e também na vida real como a história da própria escritora. Neste caso, os alunos realizaram num novo exercício, diferente do que já foi executado, este serviu como registro final da turma.

É importante ressaltar ainda que ao iniciamos a pesquisa nos deparamos com questionamentos sobre qual escritor iríamos estudar e percebemos que apenas uma das pessoas que nos perguntaram sobre a autora, a conhecia. O restante, nunca ouviram falar de seu nome ou obras, isto apenas reafirmou a nossa intenção em trabalhar a literatura negra em sala de aula, e principalmente, a autora Conceição Evaristo.

1. CONCEIÇÃO EVARISTO: LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA DE AUTORIA FEMININA E NEGRA

1.1 A autoria feminina na literatura brasileira

Historicamente, o sistema de conceitos empregados pelos construtores da história literária era restrito aos privilegiados de expressão, determinado pelo poder que o sujeito ocupava na sociedade e assegurado pelas questões de classe, raça gênero. Esses sujeitos capacitados do direito de proferir eram consagrados apenas ao cânone literário, de classe média-alta, branco e do sexo masculino. Enquanto o outro era limitado às produções ditas menores, provenientes de segmentos sociais negados, como as das minorias e dos/as marginalizados/as, que incluem as mulheres, os homossexuais, pobres e negros.

Sabe-se que, de modo geral, as personagens mulheres sempre estiveram presentes na literatura, alguns exemplos dessas narrativas são: *Capitu em Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis; *Lucíola* (1862), *Iracema* (1865) e *Senhora* (1875), de José de Alencar; *Gabriela, cravo e canela* (1958), *Dona flor e seus dois maridos* (1966) e *Tieta do Agreste* (1977), de Jorge Amado, entre tantas outras. No entanto, essas personagens foram criadas e representadas pela visão de autores homens, e por isso, é importante que as mulheres também possam ter voz para representar as suas personagens.

Como afirma a filósofa Judith Butler, em seu livro *Problemas de Gênero* (2011, p. 150) tanto o Outro como o Mesmo são marcados como masculinos; o Outro é apenas uma elaboração negativa do sujeito masculino, com o resultado de que o sexo feminino é irrepresentável — ou seja, é o sexo que, nessa economia significativa, não o é. Isso significa dizer que o discurso feito pelo outro é sempre uma versão, nunca consegue representar na totalidade e com fidelidade; e ainda, é feito com determinados objetivos. Assim, podemos perceber o quanto o conceito de representatividade da autoria feminina negra, necessita da autonomia das mulheres negras, para que também se sintam representadas através dessas autoras, afinal, não são só homens brancos que escrevem.

Nesta perspectiva, contava-se com a sociedade e o contexto histórico em que os negros estavam inseridos, além de suas marcas culturais, ligadas ao sistema patriarcal, em que a mulher era submissa ao homem. Por este motivo, as representações de personagens femininas na literatura foram, por muito tempo, realizadas de acordo com estereótipos culturais da época, ditados pelo sistema patriarcal. Levando em consideração, o contexto histórico da época, percebemos o quanto a imagem da mulher foi excluída, não apenas do âmbito da literatura, mas também em diversas outras áreas. Enquanto os homens se comprometiam com o setor público, livre para exercer toda e qualquer função que desejassem, cabia às mulheres apenas servir a casa e seus maridos/companheiros, como questiona Luíza Lobo (1993, p. 17) “Porque os homens sempre escreveram versos e obras épicas e as mulheres se restringiram a preparar o almoço e a cozinha? Ou em outras palavras, por que os homens dominam o mundo, cabendo a mulher apenas observa-lo?”.

Até meados do século passado, o discurso preponderante na literatura sempre foi do ponto de vista do gênero masculino. Discursos estes que acabavam por reforçar os ideais patriarcais acerca da inferioridade e submissão da mulher, que esteve sempre no âmbito doméstico. No entanto, é importante destacar que as mulheres escreveram tanto quanto os homens; porém, muitas delas tiveram de o fazer às ocultas, por meio de pseudônimos, como bem caracteriza, Luísa Lobo no fragmento abaixo:

Ser o outro, o excluído, o estranho é próprio da mulher que quer penetrar no sério mundo acadêmico ou literário. Não se pode ignorar que, por motivos mitológicos, antropológicos, sociológicos e históricos, a mulher foi excluída do mundo da escrita –só podendo introduzir seu nome na história europeia por assim dizer através de arestas e frestas que conseguiu abrir através de seu aprendizado dele e escrever em conventos. (LOBO, 1998, p. 5)

Muitas dessas obras, não puderam ser publicadas, nem inseridas do âmbito da historiografia literária, e culminaram no seu esquecimento e silenciamento ao longo dos anos. Afinal, nunca houve um contexto favorável à escrita e publicação de textos de autoras mulheres. Logo, tornou-se praticamente impossível fundar um *corpus* de escritoras; e, obviamente, crer na possibilidade de haver uma análise da crítica literária feminista. Isso, permeou até a década de 1960, quando algumas mulheres tomam posse dos seus direitos e decidem lutar por um espaço igualitário, onde passariam a ser ativas no processo de elaboração de seu próprio discurso, conseqüentemente, de suas próprias vidas, e não apenas personagens ou objetos flexíveis às conjunturas do homem.

Após a primeira onda feminista, na qual as mulheres lutaram pelo reconhecimento dos direitos fundamentais como a cidadania, à educação, e oportunidades no âmbito do trabalho, surge também, a partir de 1970, a necessidade de olhar e privilegiar a perspectiva feminina na abordagem dos textos canônicos, com a crítica feminista. Ao rever o quadro de cânones, ergue-se um herança literária feminina antes excluída pela história da literatura, a fim de recuperar os escritos e obras de mulheres. A percepção feminina ganha, portanto, uma dimensão importante ao se mostrar como um outro, uma parte reprimida, que estivera tradicionalmente à margem da cultura e do simbólico.

Conseguimos enxergar a representação da mulher e de sua identidade, através dos movimentos e conquistas nos diversos setores (social, econômico, político e literário) do Brasil, realizado por elas. Assim, a literatura de autoria feminina passou cada vez mais, a expressar uma nova voz impossível de ignorar na tradição literária – exatamente porque representa uma visão marginal, excluída, principalmente no século XXI. O conceito literário feminista ressalta, portanto, a relevância da escrita de autoria feminina e reconhece a valia de tal produção diante do cânone literário formado quase que exclusivamente por homens. Por isso, o presente estudo proporciona visibilidade acadêmica à escritora mineira Conceição Evaristo, (re)construindo e considerando, de certo modo, um futuro ícone dos cânones literários.

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 29 de novembro de 1946. Filha de uma lavadeira, e de origem humilde, mantinha um diário onde anotava as dificuldades de um cotidiano sofrido. Cresceu rodeada por palavras, pelas histórias que os mais velhos lhe contavam. “Meu primeiro contato com a literatura se dá através da cultural oral. Toda minha sensibilidade, minha curiosidade para tecer esse escrito, nasce fomentada na linguagem.” (EVARISTO, 2017, in DOMINGOS, 2017). Desde pequena a autora foi vítima das práticas do racismo, e afirma que viveu a miséria em si, e não apenas a pobreza “A pobreza pode ser um lugar de aprendizagem, mas apenas quando você a vence. Se não, é o lugar da revolta, da impotência, da incompreensão. E aí você não faz nada. Hoje eu vejo que a pobreza foi o lugar fundamental da minha aprendizagem diante da vida.” (EVARISTO, 2017, in DOMINGOS, 2017). Na década de 1970, migrou para o Rio de Janeiro, onde graduou-se em Letras pela UFRJ, trabalhou como professora pública de ensino da capital fluminense. É Mestre em Literatura Brasileira pela PUC e Doutora em Literatura Comparada pela UFF. Estreou na literatura em 1990, quando passou a publicar seus contos e poemas na série *Cadernos Negros*, editado pelo grupo Quilombhoje de São Paulo.

É impossível conhecer e se aprofundar de Conceição Evaristo sem citar o termo intrínseco criado pela autora “Escrivivência” esse termo é resultado de um jogo de palavras

entre (escrever, viver e ser), ela utilizou essa expressão pela primeira vez em uma mesa de escritoras negras no seminário “Mulher e Literatura”, dizendo “a nossa escrevivência não é para adormecer os da Casa Grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”. O termo é fundamentado no imaginário histórico, que traz a figura da “mãe preta” contando histórias para adormecer a prole da Casa Grande, é, pois, uma escrita de vivência, seja ela particular ou coletiva. A jornalista Juliana Domingos (2017) no jornal digital *Nexo*² ao entrevistar a escritora Conceição Evaristo, a respeito de sua escrevivência, ressalta “A escrevivência seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira.”:

De certa forma, todos fazem uma escrevivência, a partir da escolha temática, do vocabulário que se usa, do enredo a partir de suas vivências e opções. A minha escrevivência e a escrevivência de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira. Toda minha escrita é contaminada por essa condição. É isso que formata e sustenta o que estou chamando de escrevivência. (EVARISTO, 2017 in DOMINGOS, 2017).

Porém, o que notamos nitidamente é que a memória, a dor de seu passado não foi refinada ainda, e talvez nem seja. Pois vivemos numa sociedade em que o racismo ainda sobrevive com toda força e não há como negar isso. Para autora “só nós somos capazes de afirmar porque, para os outros, pouco importa estarmos aqui ou não.”. Percebemos em suas palavras, a clareza ao falar de sua cor, pois é bem verdade, que a sociedade, em pleno século XXI, não dá destaque às autoras mulheres da mesma forma que é dada aos homens, ainda mais quando são elas negras. É interessante notar que a própria academia não nos dá oportunidade para conhecer autores negros brasileiros, por julgar falarem apenas de suas memórias, e também negarem a sua história.

1.2 Literatura afro-brasileira/negra na sala de aula

A Literatura afro-brasileira se destaca por dar ênfase aos valores sociais e históricos pela qual a sociedade passa ao longo do tempo, bem como representar, descrever, reafirmar e tentar resgatar as ideias e costumes da população negra. De modo amplo, a literatura negra é composta por um sistema de obras, autores e leitores que tratam da diáspora africana no

² Em entrevista disponível em:

<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>

Brasil, assim como as religiões, culturas, comunidades, histórias, modos de vida e inclusão social destes na sociedade.

De acordo com a legislação vigente no século XIX e em todo período colonial, não caberia aos africanos ou afrodescendentes, a aquisição da leitura ou da escrita, por isso, não era possível publicar e nem falar nada sobre si ou grupo em que conviviam. Porém, existem registros que comprovam a atuação de mulatos ou negros, que se arriscavam a tal ação – redigiam atas, registravam dívidas, depósitos em livros e os que desejavam participar das decisões e debates da vida política. Isto significa que, de uma forma ou de outra, os negros tentavam e na minoria da vezes, atuavam como sujeitos nas pequenas aberturas em que podiam encontrar no regime escravista. (SOUZA, 2016, p. 65).

Ao analisar o processo histórico de formação da sociedade brasileira escravocrata e a representatividade dessa aristocracia econômica na literatura, percebemos um fato intrigante: a representação do negro não recebeu seu devido valor, nem tampouco alcançou seu devido lugar. É sabido que entre os textos consagrados pelo cânone literário, o autor e autora negra quase nunca aparecem, e quando aparecem são comumente representados de forma inferior, como uma minoria na tradição literária do país. Verificamos que o negro é representado como servil e digno de pena, necessitando que outros falem por ele, além de ser caracterizado com temas que recordam a escravidão, mas ocultam sua cultura, silenciando-o como sujeito, logo no Brasil que é um território multiétnico com uma grande população afrodescendente. Sobre este fato, Regina Dalcastagné afirma:

De modo geral, esse tipo de ausência costuma ser creditada à invisibilidade desses mesmos grupos na sociedade brasileira como um todo. Neste caso, os escritores estariam representando justamente essa invisibilidade ao deixar de fora das páginas de seus livros aqueles que são deixados à margem de nossa sociedade. (DALCASTAGNÉ, 2007, p.21)

Neste sentido, Domício Proença (2004, p. 26) declara que “o negro, seja ele brasileiro ou não, não pode ser tratado como *o outro*, assim como não cabe a eles agradecer aos brancos portugueses ou aos índios, pela forma de representá-lo na literatura.”, tendo em vista que nem sempre são retratados da maneira que deveriam. Os afros, como os demais grupos étnicos e sociais são parte da comunidade que fizeram e fazem parte da construção do país. Porém, é explícito o quanto o rebaixamento e a depreciação da cultura de um povo tem sido instrumento de dominação do mesmo. Tanto quanto a ridicularização das características físicas, sociais e intelectuais dos escravos negros que serviam para demonstrar uma suposta inferioridade do negro em relação ao branco, justificando assim a escravidão. No Brasil esse

mecanismo foi abundantemente utilizado, no entanto, os longos anos de escravidão e as muitas tentativas de apagamento da cultura africana não foram capazes de destruí-la.

O protesto pelos direitos de cidadão e lugar ativo na comunidade passa a se tornar real, a partir do século XIX, na medida em que os movimentos pela igualdade étnica e social foram se fortalecendo, bem como os negros brasileiros passaram a assumir a narração de sua própria história, além de usar este movimento como instrumento de denúncia contra o desrespeito aos direitos sociais dos afrodescendentes. Em meados do século XIX surgem os primeiros pioneiros a discutir a questão racial em suas obras: Luiz Gama; Lima Barreto; Lino Guedes³; e principalmente, a Maria Firmino do Reis⁴, por se trata de uma autora feminina.

No âmbito acadêmico, o debate sobre o tema foi verificado nas obras: *O negro na Literatura*, de Raymond Sayers (1958); *O negro na ficção Brasileira*, de Gregory Rabassa (1965) e *Raça e cor na Literatura Brasileira*, de David Brokshaw (1983). Na década de 80, alguns títulos de antologias que reúnem poemas que priorizam a questão negra são publicados, destacam-se: *Cadernos Negros* (1978), coletânea publicada pelo Movimento Quilombhoje de São Paulo; *Antologia contemporânea da poesia negra brasileira* (1982), organizada pelo poeta Paulo Colina; *Poesia negra brasileira* (1992), organizada por Zilá Bernd. Essas antologias constituem um material literário e de pesquisa bastante relevante, pois apresentam textos que, além de discutir e avaliar questões que dizem respeito à exclusão vivenciada pela massa social brasileira, geralmente, não circulam nos meios acadêmicos e tampouco nos estudos de literatura das escolas de ensino fundamental e médio.

Quando o movimento negro e outros grupos minoritários ganham mais força e visibilidade nas reivindicações e auto expressão é que percebemos também a luta pela representação do corpo e a construção da identidade negra que desafiam as formas hegemônicas de representação da diáspora negra. Neste momento, o rosto, o cabelo, a cor da pele, e o corpo em si, passam a serem admirados em particular, assim como a aceitação de si próprio, afinal, a literatura negra tem como interesse primordial o próprio negro. Eduardo de Assis sobre a literatura negra diz, segundo o conceito de Ironides Rodrigues, dado a Luiza Lobo:

A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem:

³ Autor de *O canto do Siney preto* (1926), *Urungo* (1936) e *Negro preto cor da noite* (1936).

⁴ Autora do romance abolicionista *Úrsula* (1859).

religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro. (DUARTE, 2011, p. 377)

Uniformemente, afirma Domício Proença (1988) em que o negro pode sim ser visto como um sujeito ativo e comprometido com a literatura:

À luz dessas observações, será negra, em sentido restrito, uma literatura feita por negros ou descendentes assumidos de negros, e, como tal, reveladora de visões de mundo, de ideologias e de modos de realização que, por força de condições atávicas, sociais e históricas, se caracteriza por uma certa especificidade, ligada a um intuito claro de singularização cultural. Lato sensu, será a arte literária feita por quem quer que seja, desde que reveladora de dimensões peculiares aos negros ou aos descendentes de negros. (PROENÇA FILHO, 1988, p. 78).

Logo, notamos o quanto esses movimentos de afirmação do negro são importantes para a memória literária e também para o conhecimento e compreensão do leitor, dado que a tradição escravocrata brasileira colocou o negro e o índio numa condição de subalternidade, negando-lhe o direito à autoafirmação e de sua própria cultura.

Nesta perspectiva notamos que a inclusão da literatura negra brasileira nos estudos literários do ensino básico torna-se indispensável, já que possibilitam um planejamento escolar que forme cidadãos atuantes no seio de uma sociedade de indiscutível caráter multiétnico e pluricultural, além de garantir uma ressignificação e valorização cultural das matrizes africanas que constituem a diversidade cultural brasileira, incluindo novas escrituras e novas vozes com todas as implicações que envolvem essa mudança, desde a necessidade de conceituar o termo “literatura negra”.

Pensamos no espaço escolar como ambiente apropriado para discussões sobre o tema em destaque e ainda sobre as diferenças que constroem o conhecimento arreigado na valorização e cultivação da presença da cultura negra em nossa história. No entanto, nos questionamos também sobre o porquê da não realização da Lei 10.639/2003 estabelecida pela Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/96), que determina a inclusão da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” nos currículos da Rede de Ensino, posto que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira determina o trabalho das diferenças em sala de aula, assim como a ruptura do estereótipo que inferioriza o negro. A prática dessas diretrizes, além de resgatar a história e cultura do negro, tem como foco principal combater o racismo e a discriminação racial que acontece dentro e fora da escola, e também levar o aluno a refletir

sobre uma nova forma de vida, cultura e concepções, afim de educá-los e transformá-los, conforme, as relações étnico-raciais.

Sendo assim, constatamos uma grande incoerência no ensino, posto que há regulamentos na LDB/96 que não são cumpridos, dado que um grande número de profissionais na educação não buscam nenhuma forma conhecer e apreciar a cultura e religiosidade do negro, todavia, esta é a única maneira de tornar possível a aplicação da lei. Logo, é verídico que apesar da importância que estes assuntos trazem para a vida dos indivíduos que até hoje sofrem preconceitos, não verificamos ainda uma mudança significativa nos currículos escolares para mudar esta situação, especificamente, nas escolas de nossos Estados e Municípios, visto que concentram alunos de cor negra.

Entendemos, que há ainda resistência em trabalhar o conteúdo histórico-cultural que envolve o negro e seus descendentes, já que os docentes recém formados não aprofundam o conhecimento sobre os conteúdos que dizem respeito a literatura africana e afrobrasileira, tornando-se incapazes ou mal preparados para colocar em prática e fazer revigorar o objetivo da lei nas instituições de ensino do país. É sabido que desde 10 de março de 2008, entra em vigor a Lei nº 11.645⁵. Tal lei sugere novos regulamentos curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena no currículo escolar do ensino fundamental e médio. Esta norma tenta resgatar a história e contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira, assim como a busca pela igualdade e oportunidade para todos, sem que haja qualquer preconceito.

Conforme a redação do Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e africana, é dever político e moral de todos combater o racismo e qualquer forma de discriminação, assim frisa o parecer a respeito da lei (BRASIL, 2009, p.2). Desse modo, os professores de ensino regular devem destacar em sala de aula a cultura e história afro-brasileira como componente básico e fundamental na formação da sociedade brasileira. É dever e responsabilidade da educação formal brasileira ampliar a discussão sobre as questões raciais, tendo em vista que a constituição da lei indica apenas a necessidade de se conhecer a importância do tema no contexto educacional, ao mesmo tempo em que acusa o desprezo e a rejeição experimentada ao longo dos anos.

⁵ Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” (BRASIL, 2008, p. 8).

Em conformidade com Conceição Evaristo, a produção literária e a textualidade afrobrasileira não condiz com o estereótipo e o apagamento dos corpos, sujeitos e heranças culturais africanas verificadas em parte da literatura brasileira. Para a escritora, “o sujeito da literatura negra tem a sua existência marcada por sua relação e por sua cumplicidade com os outros sujeitos”, pois esse sujeito está “abraçado ao coletivo” (EVARISTO, 2010, p. 136). De comum, Eduardo de Assis Duarte e de Luiz Silva, declara “a literatura afro-brasileira nasce da experiência de vida, “consciente” ou “inconsciente”, do negro brasileiro” (ARRUDA, 2007, p. 101). Dessa maneira, podemos sustentar que a identidade do negro afrobrasileiro é tão importante quanto a sua história e experiência adotada ao longo dos anos na sociedade. E o fato de vivermos num país onde a diversidade é trivial, poderíamos aprender a respeitar e conhecer ainda mais sobre uma produção literária que é tão rica e que rompe com a antiga tradição canônica na qual predominava a narrativa com personagens negros representados numa literatura exclusivamente de autores brancos.

Vale ressaltar que o preconceito racial permanece não exposto/declarado na sociedade, mas, claro, é constantemente revelado através dos olhares, pensamentos, expressões e atitudes dos indivíduos. O trabalho com a literatura negra em sala de aula é, portanto, um elemento crucial e indispensável na vida do educando, todavia, é preciso ter a acessibilidade de que as mudanças produzem muito mais que mera inclusão de novos conteúdo, mas sim, que as relações sociais e pedagógicas, do mesmo modo que os procedimentos de ensino sejam repensados, evidenciados e consolidados.

1.3 Literatura brasileira contemporânea e a questão da violência

Compreendemos como Literatura Brasileira Contemporânea a parte que abrange as produções literárias do final do século XX e início do XXI, esta é definida por um conjunto de características das escolas literárias, que expõem um conjunto de tendências no mundo literário como a prosa, poesia, contos, crônicas, romances, novelas, etc. Segundo Karl Erick (2015) os escritores da geração moderna sentiam-se incapazes de recuperar a aliança com a atualidade e colocaram o desafio de reinventar as formas históricas do realismo literário numa literatura que lida com os problemas sociais do país e que expõe as questões mais frágeis, do século XXI: a violência, a miséria, o crime, a corrupção etc.

Por isso, muitos escritores do século XIX, acreditaram que o presente só era experimentado como um encontro falho, um “ainda não” ou um “já era”, tal como formulou Lyotard (1988, p. 104). O pesquisador afirma ainda que, há duas vertentes que causam

conflitos entre os escritores da atualidade: 1) a brutalidade do realismo marginal; 2) a graça dos universos íntimos e sensíveis. Na primeira vertente destacam-se aqueles que tinham suas concepções a partir de uma recriação do realismo ou na procura pela renovação da solidariedade com os problemas sociais e culturais de seu tempo. Enquanto na segunda evidenciam-se os que tentam recordar e resistir a presença do cotidiano ainda mais próximo da vida literária, apostam nas pequenas histórias inspiradas pelo mais dias e menos dias de cada um.

A pesquisadora Beatriz Resende (2007) definiu esta nova geração por sua multiplicidade e heterogeneidade tolerante, alegando que no séc. XIX iniciaram-se amostras de uma grande dispersão de temas e estilos em convivência múltipla. Talvez a impressão de diversidade venha da proliferação de novos nomes de escritores, cuja aparição muitas vezes prematura expressa o refinamento do mercado editorial (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 34). Todavia, a literatura que hoje aborda os problemas sociais não exclui a dimensão pessoal e íntima, privilegiando apenas a realidade exterior, pois o escrito que opta por ressaltar a experiência subjetiva não ignora a turbulência do contexto social e histórico (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 15).

Do mesmo modo, declara Alfredo Bosi em *História concisa da literatura brasileira* (1974) “o termo contemporâneo é, por natureza, elástico e costuma trair a geração de quem o emprega”, sendo assim, é importante que os autores e historiadores levem em questão a época e geração em que escrevem e, portanto, justifiquem as datas com que sinalizam o tempo, marcando a importância dos eventos em que estas estão ligadas. Afinal, somos hoje contemporâneos de uma realidade econômica, social, política e cultural que se estruturou depois de 1930. (BOSI, 2013, p. 409). Ao iniciar os estudos, Bosi não entendia o termo contemporâneo como o atual, já que acontecia a partir de um marco anterior situado cronologicamente. Do contrário, o contemporâneo acontecia diacronicamente, apesar de não empregar o termo atualidade para descrevê-lo, mas a partir desses imprevistos com o atual que esses movimentos se configuram como contemporâneas. Assim sendo, Alfredo Bosi aproxima seu raciocínio do filósofo Giorgio Agamben ao determinar que o “compromisso em questão na contemporaneidade não tem lugar simplesmente no tempo cronológico: é, no tempo cronológico, algo que urge dentro deste e que o transforma” (AGAMBEN, 2009, p. 65).

Segundo o italiano Giorgio Agamben (2008, p. 58) o “contemporâneo é o intempestivo”, segundo Roland Barthes, isto significa dizer que, “o contemporâneo é aquele que, é apto para captar o tempo, por não se identificar, por sentir-se em desconexão com o

presente, e enxergá-lo, criando um ângulo do qual é possível expressá-lo”. Assim, podemos compreender que a literatura contemporânea não é necessariamente a representação da atualidade, mas sim, o inesperável, que compreende e reconhece o presente com o qual não é capaz de concordar. No entanto, o escritor contemporâneo é motivado pela urgência de se relacionar com a realidade histórica atual, estando consciente, entretanto, da impossibilidade de captá-la e enxergá-la diretamente.

Em contrapartida, Regina Dalcastagné (2008) em *Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea*, ressalta que a literatura contemporânea, reflete, nas suas ausências, talvez ainda mais do que naquilo que expressa, algumas das características centrais da sociedade brasileira. Neste artigo, a autora atenta para o caso da escrita do negro, dado que em pleno século XXI, o racismo ainda é bastante recorrente e na literatura, não é diferente, visto que poucos são os negros, sejam eles autores ou personagens, presente e reconhecido na literatura, havendo pois uma completa ausência desses negros enquanto indivíduo. A pesquisadora chama atenção ao realizar uma pesquisa com os romances das principais editoras do país publicados nos últimos 15 anos. Neste estudo ela constata que quase 80% das personagens na literatura são brancas e mesmo que hajam indivíduos que contradizem esta afirmação, é possível certificar que mais do que metade dos personagens das obras são brancos sim.

De modo geral, é relevante destacamos algumas características dessa literatura contemporânea, que também estão ligadas ao movimento modernista, como exemplo, a ruptura com os valores tradicionais: mistura de tendências estéticas (ecletismo); união da arte erudita e da arte popular; prosa histórica, social e urbana; poesia intimista, visual e marginal; temas cotidianos e regionalistas; engajamento social e literatura marginal; experimentalismo formal; formas reduzidas (minicontos, minicrônicas); intertextualidade e metalinguagem. Dentre as características correntes que sobressaem as narrativas contemporâneas, quer seja a da prosa romanesca quer seja a do gênero do conto, Bernardo Buarque (2012) enumera: o recurso à memória retrospectiva e prospectiva; A autoanálise; A intertextualidade; A linguagem telegráfica; O hibridismo linguístico; As imagens labirínticas no cotidiano urbano; A polifonia narrativa (“multiplicidade de vozes e suas consciências imiscíveis); A metaficção historiográfica; A eloquência do silêncio; A precariedade do indivíduo moderno; A fragmentação da experiência diária, entre outras.

Logo, é sobre essa marca rotineira e cotidiana, essencialmente urbana presente nos contos, que iremos discutir para que assim, possamos por meio das temáticas, buscar a interação dos alunos, através da realidade vivenciada por eles. Como mencionado no início

do tópico, a literatura contemporânea é marcada por um conjunto de tendências que inovam o mundo literário, aqui, iremos nos deter ao gênero conto, que hoje no Brasil “tem sido um dos gêneros de destaque”, como afirma Rinaldo de Fernandes (2012) em seu ensaio *O conto brasileiro do século XXI*. Em seguida, o autor apresenta uma entrevista de Moacyr Scliar, concedida ao jornal Folha de São Paulo, em quatro de fevereiro de 1996, no qual considera o conto como forma literária:

Em termos de criação, o conto exige muito mais do que o romance... Eu me lembro de vários romances em que pulei pedaços, trechos muito chatos. Já o conto não tem meio termo, ou é bom ou é ruim. É um desafio fantástico. As limitações do conto estão associadas ao fato de ser um gênero curto, que as pessoas ligam a uma ideia de facilidade; é por isso que todo escritor começa contista (in Folha de S. Paulo, 4 fev. 1996, p. 5-11).

Isto acontece, exatamente, por se tratar de um conto em que a trama é linear, começa instável e conforme o decorrer da leitura, o leitor vai sendo perturbado por alguma força, resultando num desequilíbrio total, que poderá ou não, ser modificada e solucionada ao final da leitura. Em *História Concisa da Literatura Brasileira*, Alfredo Bosi, classifica o conto como gênero que:

[...] cumpre a seu modo o destino da ficção contemporânea. Posto entre as exigências da narração realista, os apelos da fantasia e as seduções do jogo verbal, ele tem assumido formas de surpreendente variedade. Ora é quase-documento folclórico, ora quase-crônica da vida urbana, ora quase-drama do cotidiano burguês, ora quase-poema do imaginário às voltas, ora, enfim, grafia brilhante e preciosa voltada às festas da linguagem. (BOSI, (1974, p. 7)

Deste modo, constatamos que o conto conquista o seu objetivo na ficção contemporânea pela simples razão de narrar fatos, essencialmente urbanos, que interessam o leitor, e também por romper com a linguagem rebuscada e passar a tratar de uma narrativa mais objetiva e curta, com expressões que facilitam a comunicação com o leitor. Rinaldo de Fernandes (2012, p. 8) alega que “o conto tem narrado situações típicas do homem contemporâneo - como, por exemplo, a violência ou mesmo a pobreza, a miséria brasileiro - de forma aguda, veemente. Isto pode ser comprovado nas antologias organizadas por mim, Nelson de Oliveira e Luiz Ruffato”. No entanto, o leitor deve confiar, sobretudo, no que lê e não sobre e de quem lê, como afirma Alfredo Bosi (1999) sobre Machado de Assis “o leitor deve confiar no conto, não no contista. O contista é o terrorista que se finge de diplomata.”

Rinaldo de Fernandes (2012) destaca cinco vertentes do conto brasileiro do século XXI: 1) da violência brutalidade no espaço público e urbano; 2) a das relações privadas, na família um trabalho, em que apareçam indivíduos com valores degradados, com perversões e não raro em situações também de extrema violência, física ou psicológica; 3) A das narrativas fantásticas, na melhor tradição do realismo fantástico hispano-americano, às quais se podem juntar as de ficção científica e as de teor místico/macabro; 4) a dos relatos rurais, ainda em diálogo com a tradição regionalista; 5) a das obras metaficcionalis ou de inspiração pós-moderna. Segundo o autor o que une todas essas vertentes é “o olhar cruel sobre a existência que nossos melhores contistas herdaram de Machado de Assis”. Deste modo, nos contos “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedo” e “Quantos filhos Natalina teve?” de Conceição Evaristo, nos deteremos apenas a primeira vertente, presente no decorrer de toda obra e, principalmente, nos contos selecionados. Devido o interesse dos jovens, cada vez mais por textos perversos e brutais.

Ao tratamos da violência, não há dúvida de que este é um tema bastante polêmico e frequente no século XXI que atinge os mais diversos estados e pessoas. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a violência configura-se como o “uso da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte ou dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação” (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2002, p. 5). Após uma análise podemos afirmar que as principais vítimas dessa fatalidade, na contemporaneidade, são as mulheres, sendo elas crianças, adolescentes, jovens, adultas ou idosos. Do mesmo modo, certifica Lima (2008) “a violência contra a mulher afeta milhares de mulheres em todo o mundo independente de idade, classe social, grau de escolaridade, etnia, raça e religião.

É relevante constatar que a sociedade brasileira contemporânea vive uma epidemia de violência, dentre elas, duas se destacam nos contos que iremos analisar: a violência sexual e a violência contra criança. No primeiro caso, isto é, no conto “Quantos filhos Natalina teve?” trata-se de uma mulher vítima de estupro. No segundo conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” refere-se a uma criança vítima de bala perdida. Ambas fatalidades acontecem no espaço urbano, por isso, é importante que passamos a conhecer e refletir ainda mais sobre os dois tipos de violência que acomete as personagens da obra.

A princípio, é necessário esclarecer que os temas “violência sexual”, “abuso sexual” e “exploração sexual” são convergentes, uma vez que seus conceitos se aproximam na medida

em que contemplam a violação de direitos sexuais. No entanto, sua diferenciação é necessária, bem como sua precisão conceitual, a fim de que se construam mecanismos adequados de enfrentamento e de combate de cada uma dessas práticas criminosas. Do mesmo modo, acontece com os termos “violência contra criança” “abuso infantil” e “exploração infantil”, apesar de trata de crimes diferentes, todos dizem respeito a criança. Segundo Octavi Ianni (2002) a violência é “um evento heurístico de excepcional significação” acrescenta ainda:

São muitos os que padecem a violência no curso do século XX e primórdios do século XXI. Muitos são os que reconhecem que as formas e as técnicas de violência nessa época estão adquirindo características novas, insuspeitadas e crescentemente brutais. É como se, de repente, uns e outros, em todas as partes do mundo, se dessem conta de que tudo fossem simplesmente metáforas enganosas, com as quais se encobrem desigualdades e brutalidades cotidianas e inimagináveis. (IANNI, 2002, p. 7).

Na literatura brasileira, por sua vez, há vários registros de violência contra a mulher associados aos comportamentos próprios de uma sociedade patriarcal tradicional. Muitas das vezes essa agressão advém do simples fato de ser mulher e pertencer a uma sociedade que condescende com o modelo patriarcal de que o homem deve exercer poder sobre ela (CASIQUE; FUREGATO, 2006; FERREIRA, 2010). Tal saída só é possível porque, ao se rebaixar como mulher, ela explora uma visão comum às sociedades patriarcais, segundo a qual o corpo da mulher é desvalorizado, pois é visto com desprezo (XAVIER, 2007, p. 132). Em vista disso, é possível perceber que a mulher era silenciada, e completamente submissa ao sexo masculino, enquanto o agressor era representado como a parte de uma cultura dominante, por isso incorporada aos padrões sociais disciplinadores.

Porém, essa visão de submissão da mulher não é decorrente no conto “Quantos filhos Natalina teve?”, dado que a personagem utiliza-se dos fatos para vivenciar algo que nunca quis “Ela sorriu feliz. Era sua quarta gravidez, e o seu primeiro filho. Só seu. De homem algum, de pessoa alguma.” (EVARISTO, 2015, p. 43). No entanto, estes fatos, muitas vezes não deixam marcas visíveis na vítima, mas pode ocasionar profundos danos psicológicos e emocionais (COELHO, 2010).

Só que guardou mais do que ódio, a vergonha, o pavor, a dor de ter sido violentada. Guardou mais do que a coragem da vingança e da defesa. Guardou mais do que a satisfação de ter conseguido retomar a própria vida. Guardou a semente invasora daquele homem. Poucos meses depois, Natalina se descobria grávida. (EVARISTO, 2015, p.50).

Essa violência não ocorre isoladamente, pois “qualquer que seja a forma assumida pela agressão, a violência emocional está sempre presente” (SAFFIOTI, 1999, p. 84). Portanto, o estudo da violência contra a mulher na literatura brasileira nos remete a pensar em saídas e possibilidades para o fim desse crime na moderna sociedade. Apesar de verificamos que mesmo após o salto dado pelas mulheres através da Lei Maria da Penha, em 2006, o Estado ainda não consegue garantir o direito de liberdade e proteção contra as mesmas.

2. OS CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO NA SALA DE AULA: PROPOSTA E RECEPÇÃO

A princípio é importante destacarmos que a apropriação pedagógica da estética da recepção e o letramento literário são fatores fundamentais para a formação do homem, pois ambos fornecem instrumentos básicos para ampliar o horizonte do indivíduo enquanto leitor e constituinte da sociedade em que vivemos.

A Estética da Recepção é a princípio um campo teórico que estuda o processo de produção, recepção e comunicação, criando uma relação entre o autor, obra e leitor. Deste modo, podemos identificar a forma com que o leitor dialoga com a obra antes mesmo de lê-la. Afinal de contas, a leitura da obra é uma perspectiva dupla que muda de acordo com o indivíduo ou uma determinada sociedade.

As pesquisas sobre a Estética da Recepção (1964) foram iniciados por Hans Robert Jauss, contrapondo às correntes teóricas marxistas e formalistas, sobretudo, a crítica sociológica, o *new criticism*, o formalismo russo e o estruturalismo. Esses grupos priorizavam apenas o autor e a obra, enquanto o leitor era deixado de lado. No entanto, Jauss desenvolveu uma teoria em que o leitor, ouvinte e espectador fossem elementos essenciais na criação da obra de arte. Pois através da recepção conseguimos induzir o aluno espectador a descobrir sua relação com o próprio texto literário. Além de discutir, refletir e construir um novo sentido para o texto literário, enquanto leitor.

O letramento literário, por sua vez, é o modo de adaptação da literatura como linguagem. E este é, completamente, diferente da leitura literária que fazemos de modo independente. Por isto, a escola tem um fator primordial na formação e estabilização de alunos leitores. Conforme afirma Cosson (2009) o letramento literário “é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola”. Sendo assim, podemos perceber que através do contato ou não com obra o autor passa a observar os diversos fatores que instituem a literatura.

É importante destacar que na prática pedagógica, há quatro características fundamentais, sobre o letramento literário: 1) O contato do leitor, diretamente, com a obra; 2) A troca de informação sobre o texto com os outros alunos; 3) Desenvolvimento do repertório literário; 4) Atividades relacionadas a competência literária. Apontaremos a seguir, na descrição da proposta, alguns pontos de Jauss (1994) a respeito da Estética da recepção e as características fundamentais para o letramento literário, assim como as quatro etapas da sequência básica: motivação, introdução, leitura e interpretação, de Rildo Cosson (2014).

2.1 Uma experiência de ensino/aprendizagem com os contos de *Olhos d'água*

Apresentaremos aqui os resultados de uma pesquisa-ação que teve como objetivo verificar a recepção dos alunos e conhecimentos específicos sobre a realidade vivenciada pelos mesmos, através dos contos “Quantos filhos Natalina teve?” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, ambos da obra *Olhos d'água* (2014), de Conceição Evaristo. Além disso, exibiremos a proposta desenvolvida na sala de aula, como suporte para a criação de novas possibilidades que facilitem a compreensão da cultura negra, para que assim possamos combater com a discriminação racial, quebrando dúvidas e valorizando a autoestima e o respeito com os afrodescendentes na sociedade Brasileira.

O método utilizado para nosso estudo foi executado no intuito de instigar os alunos ao conhecimento teórico, interpretativo e reflexivo, a partir do que foi lido e discutido em sala de aula, bem como as diversas formas de leitura: silenciosa, expressiva, coletiva, individual e comentada, buscando uma forma melhor para esclarecermos as dúvidas que surgiram no decorrer das aulas, assim como a interação com os mesmos.

A prática de intervenção retratada resulta de uma pesquisa empírica que tem como temática “O desafio da identidade/raça no âmbito social”, executada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Bronzeado Sobrinho, situado no município de Remígio, na Paraíba. No colégio, especificamente, no ensino médio, cinco aulas na semana são destinadas ao ensino de língua portuguesa e literatura, no entanto, os nossos encontros aconteciam apenas uma vez por semana, duas aulas.

A turma em que atuamos foi no 3º ano da EJA noturno, haviam 30 alunos matriculado no início do período letivo, porém apenas 20 alunos, se faziam presente no decorrer das aulas. Este grande número de evasão que ocorre entre o mês de junho para julho é bastante recorrente segundo a própria direção, já que apenas metade da turma consegue chegar até o

fim das aulas, isto é, quando não reprovam novamente. Por serem alunos do EJA a turma tinha um público de faixa etária bem diversificada, entre 18 anos (alunos que trabalham no período diurno, e outros repetentes) e 40 anos (alunos que buscam na escola uma ocupação ou o desejo de completar os estudos, independentemente da idade em que se encontram).

Tendo em vista o recesso junino que acontece entre os dois meses (junho e julho), a nossa pesquisa-ação, foi dívida em oito encontros, no período entre o mês de maio a agosto 2017. Em cada encontro abordamos e discutimos temas que estão presentes na obra, especialmente, nos contos de Conceição Evaristo. Em todas as aulas, os alunos participaram de forma ativa e participativa e no decorrer da investigação, percebemos claramente o progresso do conhecimento de cada um.

É relevante destacarmos, antes de tudo, que esta turma foi observada durante um bimestre, que aconteceu entre o mês de fevereiro a abril de 2017. Este momento de observação foi importante para desenvolvermos a sequência, para que aplicássemos de forma diferente do que já havíamos programado, tendo em vista as dificuldades enfrentadas pelo professor e alunos, ao longo das aulas.

Baseado na experiência vivenciada é possível tecer algumas considerações, que devem ser compreendidas como de caráter reflexivo. No início da realização da sequência, por exemplo, os alunos apresentaram certa resistência à temática, principalmente quando se tratava da constatação de seu pertencimento étnico-racial e da violência sexual após a realização da intervenção a postura da maioria dos alunos mudou de forma significativa.

Na sessão de abertura, executada em um encontro com as duas primeiras aulas da segunda-feira, nos apresentamos e logo iniciamos a dinâmica “A flor do nome” na qual o aluno deveria se apresentar e em seguida responder as seguintes perguntas: (i) você gosta de seu nome? quem o colocou? por quê? se pudesse mudar, o faria? Alguns ficaram “acanhados” por não saberem de onde surgiram seus nomes e quem os puseram, outros, aproveitaram para contar algumas histórias sobre os batismos dos mesmos e quem os colocou. Notificamos, que quatro pessoas da turma não gostavam de seus nomes e que se pudessem, com certeza, trocariam. Esses julgaram ter nomes “feios”, “estranhos”, afirmaram ainda “odeio esse nome” “sofri/sofro *bullying*”, outros, por terem nomes que utilizam se para os dois gêneros”, por isso, não sentiam se bem com os mesmos.

Aproveitamos esse momento para debatemos sobre o *bullying* que estes alunos revelaram sofrer. A discussão foi importante, para o primeiro momento, pois alguns alunos começaram a rir, comentando ser apenas “tolice e bestagem” dos alunos que não gostavam do nome. No entanto, se deram conta, depois, de que estavam sendo intolerantes com os colegas

e reagindo com discriminação. Desse modo, podemos reafirmar que o preconceito ainda existe fortemente em nosso meio, desde um nome até as piores atitudes que o homem pode tomar. Para não fugirmos do foco da dinâmica, entregamos um bilhete com o nome e significado de cada um deles, ao lermos um por um, todos se alegraram, e notaram que todos os nomes, seja ele qual for, sempre tem uma história por trás e significados diversos, bons. Atentamos para a importância do nome, conseqüentemente, das personagens que iríamos estudar.

No segundo momento da aula, apresentamos algumas imagens de famosos(as), referente a primeira etapa da sequência didática básica: a motivação. Nas imagens haviam crianças e adultos que aparecem frequentemente nas mídias televisivas, tais como: Thaís Araújo, Glória Maria, Negra Li, Zahara Jolie-Pitt, Chissomo Gagliasso (Titi), Maria Júlia (Maju), Lázaro Ramos, Alexandre Pires, Carlinhos Brown, Barack Obama, e Conceição Evaristo. Para que os alunos pudessem identificar seus nomes e profissões, e depois comentassem, o que todos eles tinham em comum. Muitas características foram citadas, mas o foco chegou de imediato, por um dos alunos: “a cor negra”. Outros ficaram questionando “é mesmo, né?” “nem tínhamos notado”.

Porém, havia alguém nas imagens que nenhum dos alunos conseguiram dizer quem era, e o que a mesma fazia, questionamento como “Quem essa é essa, professora?” “A senhora tem certeza que ela é famosa?” “Como nunca vimos?” “Por que não conhecemos?” “Ela parece com a mãe do presidente” “Ela é mãe de tal cantor” “Mas o rosto dela não é estranho”, sugeriram, repetidamente. A empolgação da turma, foi bastante positiva para que continuássemos com o que havíamos planejado. No mesmo instante, solicitamos que todos anotassem em um pequeno papel: o que eles acreditavam ser a profissão daquela mulher (Conceição Evaristo), e por quê?.

Analisamos cada uma das respostas e expomos para eles, na aula posterior. Colocamos no quadro todas as profissões sugerida pelos alunos a respeito da escritora Conceição Evaristo, para que fossem anulando algumas, até que todos conseguissem, através de seu conhecimento de mundo e reflexão, compreender quem seria ela. Dentre algumas sugestões, vemos exemplos como: juíza; jornalista; cantora; mulher doméstica; atriz e ou professora. Os motivos seriam “Ela está posta numa mesa, bem vestida”; “Ela tem uma cara de sofrida”; “Já vi ela numa novela”, dentre outros. Alguns alunos, conseguiram se aproximar, mas nenhum, conseguiu chegar, de fato, à profissão da autora.

Então, revelamos para a turma que a mulher da imagem, chamava-se Conceição Evaristo e que a profissão dela, além de professora, era escritora. Todos na sala, reagiram com

espanto “Oxe, nada a ver”; “Uma mulher?”; “Negra?”; “E por que ela não é conhecida?”. A indignação dos alunos, não era por se tratar de uma escritora negra, mas sim, de uma mulher. Por isso, consideramos importante, sondá-los sobre os autores que eles deveriam conhecer, ou que talvez tinham estudado no presente ou em anos passados, sem demora, citaram: Shakespeare, Machado de Assis, Augusto dos Anjos, Monteiro Lobato, Lima Barreto, José de Alencar e Carlos Drummond de Andrade. Imediatamente, notamos que os alunos só conheciam nomes consagrados da literatura (destaque para os pré-modernistas, que eles estavam estudando no bimestre anterior). O que verdadeiramente nos surpreende é o fato deles confirmarem que não conhecem autoras mulheres, nem nunca tiveram acesso a uma obra/texto de autoria feminina, e se tivessem, estes não lembravam mais.

Neste momento, iniciamos a segunda etapa da sequência: a introdução. Falamos um pouco da vida e carreira de Conceição, e em seguida, entregamos um recorte com dados biográficos dela. No mesmo instante, apresentamos a obra *Olhos d’água* (2014) para que todos, individualmente, pudessem expressar suas opiniões a respeito do produto, desde a capa (imagem e título). Os alunos se manifestaram com as mais diversas opiniões “A imagem reflete o sofrimento da autora”, “A obra conta história de seus conhecidos e familiares”, “A obra conta a trajetória da escritora até ser alguém na sociedade”, “A obra fala da superação do negro”, “Relembra fatos que aconteceram na sua infância”, “Dar dor, da esperança, da conquista de seus sonhos”, “Da luta e vitória da autora”, dentre outros.

Podemos constatar que grande parte da turma ao entrar em contato com a obra pela primeira vez, associou a imagem e narrativa a acontecimentos da vida de Conceição Evaristo. Dado que a discussão a respeito da mesma havia sido apresentada na semana anterior. Logo, não remetem a narrativa à história de outras pessoas, mas sim a da escritora que tanto batalhou para chegar ao posto em que se encontra. A minoria da turma, acredita que a imagem da obra sirva apenas para impactar o leitor, e que na verdade, narra histórias tristes, que terminam com finais felizes. No decorrer da pesquisa, conseguimos constatar que estas opiniões mudam completamente.

Após a apresentação da obra e leitura do prefácio, chamei atenção para o fato de que a obra era formada por 15 contos, e não apenas um romance/uma história, mas sim, várias histórias, com diversos personagens, espaços e características. Entretanto, apenas dois seriam lidos e analisados em sala de aula. Antes de entregarmos o primeiro conto, entregamos duas imagens⁶, uma para cada aluno(a), para que através destas, expusessem seus comentários

⁶ Uma parteira segurando um bebê; Pintura de uma grávida.

sobre elas. Rapidamente começaram a se manifestar a respeito das gravuras: “Uma velha segurando uma criança”, “Uma velha tomando café”, “Uma velha fumando cachimbo” “Uma pintura de grávida”, “Várias mulheres grávidas”, “Só há uma mulher, mas reflete nas outras”, “Como se houvesse um espelho”, “Uma está feliz, outra com dores, outra cansada, outra livre”. Este momento foi realizado para alcançar a criatividade dos alunos e reflexão sobre uma imagem que contempla o que eles irão ler posteriormente. Entregamos o primeiro conto “Quantos filhos Natalina teve?”, a cada um dos alunos para que fizessem a leitura da primeira parte, silenciosamente. Ao passar dos vinte minutos, começamos a questioná-los: o que acharam do conto, especificamente, até a parte que leram; conseguiram identificar os principais personagens e espaço em que a narração acontece; há alguma dúvida a respeito dos contos; como vocês acreditam ser o decorrer e final da história. Após o questionamento, partimos para a terceira parte da sequência: a leitura.

De forma breve, o conto “Quantos filhos Natalina teve?” conta a história de uma jovem negra, que morava num subúrbio com sua mãe (empregada doméstica), seu pai e mais sete irmãos. A narrativa inicia com a moça, feliz, acariciando a barriga, não era a primeira, mas a sua quarta gravidez, no entanto era “o seu primeiro filho. Só seu. De homem algum, de pessoa alguma.”, os outros foram dados logo após o nascimento.

A moça engravidou a primeira vez do seu amigo de infância Bilico, quando “Ia fazer catorze anos” mas não queria contar, nem muito menos ver “aquele troço” crescendo dentro dela, resolveu tomar uns chás (abortivos), repetidamente, recomendado pela mãe, sem sucesso, a mãe pensou em fazer diferente, levar a filha “a Sá Praxedes. A velha parteira cobraria um pouco, mas ficariam livres de tudo.” Natalina em silêncio, pensou “Sá Praxedes, não! Ela morria de medo de velha. Diziam que ela comia meninos.”. Um dia, quando a mãe saiu para trabalhar, ela aproveitou para fugir, pois assim Sá Praxedes não comeria a sua criança, ela não quis o menino quem quis foi uma enfermeira “A menina-mãe saiu leve e vazia do hospital!”.

Na segunda gravidez, ela estava mais esperta, mas também não queria o menino, nem tampouco formar família, como o seu companheiro Tonho queria. Quando a criança nasceu “ela e Tonho já haviam acertado tudo”, ele ficou com o menino e ela foi embora novamente. Na terceira gravidez, quem planejou tudo foi a sua patroa, pois “A mulher queria um filho e não conseguia”. Natalina deitou com o patrão, repetidas vezes, até que “Um dia as regras de Natalina não desceram. A patroa aflita pediu a urina, fizeram o exame: positivo. Os três grávidos.”. Essa foi a pior gravidez de Natalina, “quase morreu. Tinha os seios vazios,

nenhum vestígio de leite para amamentar o filho da outra. Para o seu próprio alívio foi esquecida pelos dois.”.

Na quarta gravidez, “Natalina não lhe deixava em dívida com pessoa alguma.”. Um certo dia alguns homens chegaram em seu barraco perguntando pelo seu irmão, mas ela não via os irmãos há muito tempo, sem demora, vendaram seu olhos, amarraram suas mãos e a jogaram dentro de um carro, sem lembrar o trajeto acreditou ser três horas da madrugada. Um dos caras se despediu dela e outro continuou, levando para o mato e a violentando brutalmente, no fim do ato ele deita no chão e ela se depara com uma arma “O movimento foi rápido. O tiro foi certo e tão próximo que Natalina pensou estar se matando também. Fugiu. Guardou tudo só pra ela.” Porém, “Guardou mais do que a satisfação de ter conseguido retomar a própria vida. Guardou a semente invasora daquele homem.” Meses depois, se descobria grávida, no entanto, estava feliz, “Brevemente iria parir um filho. Um filho que fora concebido nos fáceis limites da vida e da morte.”

Dando continuidade à aula, abrimos o momento para discussão, quarta etapa da sequência didática: a interpretação. Os alunos começaram a expressar suas dúvidas e julgamentos sobre o texto, como: “Ela se perdeu muito cedo”, “Pra que inventou de engravidar se não podia criar?”, “Ela não deveria abortar os filhos”; “Muito safada essa Natalina”; “Não entendi porque ela só amou um dos filhos”; “A mãe deveria ter ajudado ela, mas não a abortar”; “Acho que ela vai ser feliz”; “Talvez ela encontre um cara pra se apaixonar”, dentre outros comentários. Em seguida, sugeriram que lêssemos o conto mais uma vez, dessa vez por completo e em voz alta, porque eles entenderiam melhor. E assim fizemos, a cada parágrafo da narrativa, parávamos, para que os alunos pudessem refletir sobre tudo que acontecia naquele dado momento da história. Pois, ao final da leitura, voltaríamos a questioná-los novamente sobre a narrativa.

Ao fim da leitura, com algum incentivo muitos começaram a se posicionar sobre o ocorrido na narrativa. Estava nítido a comoção de todos ao comentarem sobre aquele final abrupto e imprevisível. Parte da turma demonstrou sua indignação e/ou admiração diante da atitude de Natalina: “Que mulher louca”; “Como pode amar um filho concebido de um estupro?”; “Foi o patrão que estuprou ela, tempos depois?”; “Será mesmo que ela se livra da culpa, depois de matar o cara que a estuprou?”; “Não, professora, é impossível um negócio desse”; “Tô chocado com essa Natalina, né fraca não”; “Ela é guerreira de verdade, viu?”. Os outros, uma minoria, reagiram de forma natural e passiva, sem mostra nenhuma repulsa aos fatos narrados, do contrário, julgaram ser apenas mais uma história que acontece no dia a dia: “Isso é comum nos dias de hoje, não sei porque você ficam assim”; “E porque ela não poderia

amar, é um filho, uma vida?"; "Ela ama o que ela quiser, que besteira"; "Ela só queria ser livre, independente"; "Queria pertencer apenas a si mesmo, não queria ser mandada, minha gente".

Os alunos também se manifestaram diante dos episódios em que aparecia a personagem "Sá Praxedes", segundo eles esta personagem é como se não existisse de fato, fosse apenas uma criação da mãe de Natalina, para que ela ficasse como medo, pois a verdadeira profissão dela, como eles viram na imagem, era de uma simples parteira, e que a mesma não era culpada pelos filhos das mulheres que frequentavam sua casa e não sobreviviam, isto é, "as mãe que entram em sua casa, às vezes saem de mãos vazias". Um outro aluno, comparou a personagem a uma figura, chamada "A velha do saco", como chamamos aqui no município e região, mas conhecida nacionalmente como a lenda do velho do saco⁷. Esta seria apenas uma artimanha da mãe para que Natalina deixasse de ser irresponsável e audaciosa.

Outro questionamento, analisado por eles, foi a questão do espaço onde a narrativa acontece, pois segundo eles: Natalina era uma jovem pobre, então, como conseguiria viver sozinha em outros lugares? Afirmaram ainda não compreender, verdadeiramente, o lugar em que ela morava com a mãe e os irmãos, por não estar destacado no conto. Algumas observações deles foram: "Ela saiu da casa do patrão pra viver sozinha?"; "Mas ela não era pobre?"; "Ah, ganhou dinheiro com a barriga de aluguel, né?"; "Mas como os caras invadem o barraco dela, do nada?"; "Com certeza, estavam sondando os passos delas, né?"; "E ela saiu ilesa do lugar? Sem ninguém, perceber?"; "Não existia polícia não era, professora"; "Acho que ela foi esperta"; "Eu faria pior".

Antes de encerrarmos a aula, lançamos a pergunta: de que forma vocês se identificaram com o conto? A pergunta gerou uma grande polêmica, já que na sala a maioria são mulheres, uma delas foi mãe muito cedo e compartilhou sua experiência conosco, outras, comentaram histórias de amigas que foram violentadas, mas que não tinham coragem de expor. Os meninos, por sua vez, falaram que também poderiam ser vítima dessa violência o estupro, as meninas retrucaram de imediato, dizendo que "Não! Pois os homens sabiam como se defender". Eles revidaram "o estupro não é apenas o ato, mas também a tentativa, o assédio.". Para não gerar mais tumulto, retomamos a situação, perguntando sobre o final do conto: vocês mudariam o final dele, se sim, porque e de que forma fariam? Todos responderam com um "sim", com certeza, não daria um final trágico para essa história, diante de tudo que Natalina já havia sofrido, seria justo ter um filho que a mesma amasse, mas não de um abuso sexual.

⁷ O velho do saco: conta a lenda de um velho ou cigano que carregava crianças quando estavam longe dos pais ou adultos em geral. As mães utilizavam essa expressão para assustar os filhos que eram desobedientes.

Diante disso, reconhecemos o quanto foi válido a leitura, o debate e análise do conto em sala de aula, pois todos os alunos tentaram participar da melhor forma possível, conseguiram entender e refletir sobre o mesmo, logo a recepção da obra e principalmente do conto foi, consideravelmente, satisfatória.

O segundo conto “Zaita esqueceu de guardar os brinquedos” só foi apresentado após voltarem do recesso que tiveram no mês de junho. Antes de lermos o conto, fizemos uma reflexão sobre tudo que havíamos visto, no início das aulas, como: reconhecimento da autora e obra; aspectos e características do conto lido “Quantos filhos Natalina teve?”. Só para garantimos, de fato, que eles conseguiram absorver tudo que foi contemplado. Logo, prosseguimos com o mesmo processo que fizemos no primeiro conto, entregamos duas imagens⁸ uma para cada aluno(a), para que pudessem explorar e compartilhar suas impressões através das mesmas. Antes que terminasse de falar um já pronunciou que “Boneca feia, danada”, outro “Parece uma vodú”; e assim começou a discussão “Reparem os olhos delas, são de tristeza”; “Não, ela tá assustada”; “Não é uma boneca é uma menina”; “Uma é uma pintura e de uma menina com flores e a outra uma boneca negra surrada”; “A pintura mostra uma garotinha triste com um ramalhete de flores”; “Acho que ela não está triste, só pensando”; “Ela deve ter perdido alguém e vai levar flores”; “Ela tá sozinha e triste mesmo”. Questionamos então: de que forma as figuras podem estar ligadas ao conto? (ainda não havíamos lido). Um aluno se posicionou: “Bom, eu acho que contará a história de uma menina pobre e de uma menina rica”.

Fizemos a entrega dos contos e demos início à leitura, equivalente a terceira etapa da sequência didática, diferente do primeiro conto, neste pedimos para que cada aluno lesse um parágrafo, e comentasse brevemente o que entendeu daquela parte para o restante da turma. Esta ação foi de grande valia, pois assim conseguimos fazer com que todos interagissem de forma mais ativa e sempre posicionando-se a respeito do que acabara de ler. Pacientemente, cada aluno leu um parágrafo e explicou de forma clara e objetiva o que tinha entendido daquela parte. Os que não compreenderam, pediram para que explicássemos para a turma, a parte em que leram. Poucos ficaram sem participar, não era porque não tinham entendido o que leu, mas porque tinham vergonha de falar e não sabiam como explicar.

Ao finalizarmos a leitura, solicitamos que falassem do conto atentando para as mesmas perguntas do primeiro conto: se gostaram do conto; se identificaram os principais personagens, temática e espaço em que a narração acontece; se haviam alguma dúvida a

⁸ Uma boneca negra; Pintura de uma menina com um ramalhete de flores.

respeito dos contos. Como já haviam explicado para turma a parte em que leram, muitos não se sentiram à vontade para comentar algo a mais. Outros se manifestam, fazendo comentários como “Esse conto é triste demais”; “A autora é realmente criativa”; “A família, em partes, são os maiores culpados”; “Se a irmã não tivesse sumido com a figurinha essa fatalidade não teria acontecido”; “Se a mãe fosse mais prestativa também”; “A mãe delas como qualquer outra, acoberta as artimanhas do filho”; “Agora não sei, se a culpa foi da mãe, ou da irmã ou do irmão”; “A bichinha só poderia tá cega e surda pra não ouvir os tiroteio”.

O conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” narra a história de duas gêmeas que competiam, desesperadamente, por uma figurinha. A protagonista vivia no subúrbio com a mãe (Benícia) e seus quatro irmãos, “O primeiro estava no Exército. Queria seguir carreira. O segundo também.”. A história inicia com a garotinha buscando pela figurinha “que retratava uma garotinha carregando uma braçada de flores”. Sua irmã Naíta a tempos atrás lhe fazia proposta para trocá-la, no entanto, Zaíta não queria. A menina não consegue encontrar a figurinha no lugar que deixou, “À noite dormiu com a figurinha-flor embaixo do travesseiro”, nem tampouco “Poderia falar com a mãe. Sabia no que daria a reclamação. A mãe ficaria com raiva e bateria nas duas. Depois rasgaria todas as outras figurinhas, acabando de vez com a coleção.”.

A pequena menina vasculha tudo ao seu redor, inclusive esquece os brinquedos no chão e anda mundo a fora a procura da irmã. Sua mãe “reclamava do barraco pequeno, da vida podre, dos filhos, principalmente do segundo”, que era envolvido com coisas erradas “Um dia Zaíta viu que o irmão, o segundo, tinha os olhos aflitos. Notou ainda quando ele pegou uma arma debaixo da poltrona em que dormia e saiu apressado de casa.”. A mãe por amor, escondia os truques do filho e as suas verdadeiras funções dentro da favela, “...buscava outra forma e local de poder... Queria uma vida que valesse a pena. Uma vida farta, um caminho menos árduo e o bolso não vazio.” E Zaíta seguia, de beco em beco, de porta em porta, a procura da irmã “A cada ausência de informação sua mágoa crescia. Foi andando junto com a desesperança. Tinha o pressentimento de que a figurinha-flor não existia mais.”, algumas pessoas questionavam o fato da menina estar tão longe de casa.

Guardando os poucos mantimentos que tinha, a mãe das gêmeas se depara com os brinquedos esparramados e se esborracha no chão, com raiva começa a gritar pelo nome das meninas. Naíta que estava no barraco ao lado volta pra casa e se depara com a boneca negra quebrada, aquela que Zaíta tanto gostava. Logo, sua preocupação torna-se maior, ao saber que além da boneca quebrada, ela não tinha mais a figurinha flor que pegara dela, no dia anterior. “Zaíta seguia distraída em sua preocupação. Mais um tiroteio começava.”. Distraída por conta

da figurinha, acaba sendo atingida por um dos tiros e morre. A outra irmã seguia em frente a buscar de Zaíta, bolando uma forma para contar a Zaíta sobre o triste ocorrido. No entanto, se depara com o corpo de Zaíta que jazia no chão, sem entender o ocorrido “aproximou da irmã, gritou entre o desespero, a dor, o espanto e o medo: – Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos!”

Neste conto, mais que o primeiro, conseguimos notar a emoção da turma diante do conto, ninguém sequer soltou uma risada até o fim da aula, ficaram apenas se questionando sobre a “lerteza” da criança em ouvir o tiro, e continuar andando sem destino. “Essa figurinha deveria ser bonita mesmo”; “Não, ela só encontrava um maneira de sorrir ao olhar pra ela”; “Talvez exalasse um cheiro bom mesmo”. No entanto, chamaram atenção para um fato que realmente nos surpreendeu, pois um dos alunos ficou martelando a mesma dúvida que nos surgiu ao terminar a leitura do conto, “Professora, essa autora nos enganou, como a irmã de Zaíta poderia estar no barraco ao lado, se a menina foi procurá-la e não encontrou?”. Respondemos: ao lermos o conto ficamos nos questionando sobre o mesmo fato, porém, não saberíamos dar uma resposta concreta, mas acreditamos que foi apenas uma “jogada” da autora para com o leitor, e que assim que tivemos contato com ela, se fosse possível, perguntaríamos sobre este acontecimento.

Aproveitamos o momento para lançarmos a pergunta: de que forma vocês se identificaram com o conto? Ninguém falou a respeito das meninas, comentaram apenas sobre o espaço e condições em que viviam: “Elas eram muito pobres, a mãe mal tinha dinheiro pra feira”; “O abandono do pai também fica claro, tendo a mãe que se virar sozinha”; “Bem que o irmão mais novo poderia ter seguido a carreira do mais velho”; “É claro que o irmão escolheria o caminho mais fácil”; “Será que menina foi morta por alguém da equipe do irmão?”. Nenhum dos alunos conheciam histórias iguais a de Zaíta e Naíta, ouviram e viram apenas em programas televisivos e rádios. Porém, todos tinha conhecimento de histórias como a de seu irmão que trabalhava para facções, alguns alunos citaram acontecimentos até mesmo da cidade em que residem, sobre alguns jovens que entram nessa vida perdida para conseguir dinheiro de forma mais rápida e prática, todavia, poderiam perder suas vidas como acontece no conto.

Neste conto, verificamos que a recepção dos alunos foi bem mais simples e transparente, pois já tinham conhecimento sobre o tinha sido questionado no primeiro conto. Lamentaram, apenas, por se tratar de uma história tão triste, uma vez que a protagonista (a pequena Zaíta) morre no final, isto significa dizer que neste conto não há aquela chamada “reviravolta”, do contrário, termina sombrio mesmo. Suspiram ainda por não terem o que

comentar sobre as gêmeas, a não ser o fato de que são diferentes e brigam constantemente, como costuma acontecer na realidade. A tragédia das chamadas balas perdidas, portanto, não é um acontecimento que está presente no nosso município, entretanto, é um dos fatos mais comum na sociedade, especialmente nas regiões mais distantes do nosso cotidiano. Assim, a discussão e interpretação do texto no momento da leitura, foi importante e porque não dizer, fundamental, para que os alunos pudessem compreender melhor o texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que esta experiência foi bastante válida, apesar de não acontecer da forma que pensamos e elaboramos, mas ainda melhor e maior do que o planejado. Afinal, cada turma/aluno traz consigo uma bagagem, seja essa pessoal ou de leitura, que reflete sobre aquilo que vê e lê. E cabe ao professor avaliar essas ações de forma que não frustrem os educandos, mas do contrário, ajudem/incentivem estes a buscar um caminho melhor. Verificamos que as aulas expositivo-dialogadas contribuíram com o processo ensino/aprendizagem permitindo que os alunos compreendessem a proposta apresentada por nós, ao estudar a literatura afro-brasileira, por meio da leitura e compreensão dos textos.

A recepção em torno dos contos “Quantos filhos Natalina teve?” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” foi surpreendente e fascinante, tal como as discussões, reflexões e análise nas mais variadas formas para que os alunos captassem e compreendessem o sentido contido em cada um deles. Mesmo que todos não tenham se expressado, espontaneamente, suas opiniões, críticas, sugestões, ideologias, podemos afirmar que a recepção feita por eles foi benevolente e plausível. Através da leitura foi possível trabalhar a linguagem, as características e aspectos do conto, podendo aprofundar um pouco mais sobre o gênero textual.

Além disso, enfatizamos também a temática contida em cada um deles, afim de desenvolver novas atitudes que favoreçam o conhecimento da cultura do negro, desfazendo dúvidas e preconceitos, valorizando a autoestima feminina e também o respeito pelas mesmas.

O resultados dessa pesquisa ação foram atingidos de forma surpreendente, no momento em que os alunos mostraram interesse pelas leituras apresentadas, apesar da dificuldade que colocaram no início delas. Podemos afirmar que a participação da maioria foi bastante efetiva e que todos conseguiram compreender e interpretar os contos de modo satisfatório.

Ao final da aplicação da sequência, lançamos a pergunta para avaliarmos o que questionamos no início da sequência: como vocês passam a ver a obra a partir de agora?; gostaram do que leram, terminaria a obra?; Se sim, por quê?. As respostas foram significativa e completamente diferente da que haviam dito, pois os alunos passaram a observar a obra de um modo diferente, na qual a autora escreve contos para descrever um pouco da realidade em que vivemos. No entanto, sua escrita reflete também no modo de vida que a mesma enfrentou durante sua trajetória até tornar-se escritora. Abordando temas que dizem respeito aos conflitos sociais, históricos e contemporâneos da época, além de representar o grito dos escritores negros e de toda uma sociedade que não deveria ser silenciada nunca.

É relevante destacarmos ainda que uma das alunas pegou a obra *Olhos d'agua* (2014) emprestada para ler no final de semana, pois se encantou com os contos e queria terminar de ler os outros. Isso comprova mais uma vez que o nosso objetivo foi atingido com êxito. Pois além de fincarmos o gosto pela leitura, conseguimos fazer, involuntariamente, com que um dos alunos terminasse de ler os contos. Dessa forma, apresentam um olhar crítico, através dos assuntos resultantes de outras observações e pesquisa a respeito do assunto, diferente daquelas quando iniciamos.

Acreditamos, por fim, que a educação brasileira precisa urgentemente romper com as ideologias tradicionais literárias e pensar em novos caminhos que visibilize pedagogicamente a questão racial no contexto. Além de questionar os paradigmas eurocêntricos que marginalizam, desqualificam e negam as contribuições das culturas afrobrasileira e africana para a sociedade brasileira. Esta pesquisa proporcionou, portanto, contribuições positivas de como abordar o preconceito e a violência de forma simples e contínua na sala de aula, de modo que o professor possa estar à frente buscando meios, didáticas e recursos para que o aluno reflita e possa transformar a sua maneira de pensar e agir na sociedade em que está inserido.

REFERENCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009. 91 páginas. ISBN 978-85- 7897-005-5
- AGUIAR, V.T. de; B., M. da G. *Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- ALENCAR, J. de; *Senhora*. Série Bom Livro. São Paulo: Ática, 27^a, 1997.
- ARRUDA, Aline Alves. *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo : Um Bildungsroman Feminino e Negro. 106 f. Dissertação (Mestrado em Letras), UFMG, Belo Horizonte, 2007.
- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Egéria, 1978.
- BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia* I Roland Barthes tradução de Izidoro Blikstein. -- 16. ed. -- São Paulo : Cultrix, 2006.
- BASTIDE, Roger. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- BERND, Zilé. Introdução à Literatura Negra. São Paulo, 1988, pp. 82-84.
- BOSI, Alfredo. Os estudos literários na era dos extremos. In: AGUIAR, Flávio (org.) Antonio Candido: Pensamento e Militância. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.
- _____. *História concisa da literatura brasileira*. 2^a ed. São Paulo, Cultrix, 1979.
- _____. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 41^a, 1997.

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Por uma cultura de paz, a promoção da saúde e a prevenção da violência. Editora do Ministério da Saúde, Brasília - DF, 2009.
- BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges; MELO, Victor Andrade de. *O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 LETRAS, 2012.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003. 236 p.
- CADERNOS NEGROS. *Os melhores contos*. Org. Quilombhoje. São Paulo, Quilombhoje, 1998.
- CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- CASIQUE CASIQUE, L; FUREGATO, A. R. F. *Violência contra mulheres: reflexões teóricas*.
Rev. Latino-am Enfermagem, São Paulo, v. 14, N. 6, p. 137-144, Nov./Dez. 2006.
- COUTINHO, Afrânio. *A crítica literária no Brasil*. In: _____. *Crítica e poética*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.
- _____. *Crítica literária*. In: _____. *Notas de teoria literária*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática* Rildo Cosson. – 2. Ed., 3 ° reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, n. 26, p. 13-71, jul./dez. 2005.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *A personagem negra na literatura brasileira contemporânea*. In: DUARTE, Eduardo de Assis e FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Literatura e Afrodescendência no Brasil – Antologia crítica: história, teoria, polêmica*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- DUARTE, Eduardo de Assis. *Por um conceito de literatura afro-brasileira*. In: DUARTE, Eduardo de Assis e FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Literatura e Afrodescendência no Brasil – Antologia crítica: história, teoria, polêmica*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- DUARTE, E. A. “Literatura afro-brasileira um conceito em construção”. (texto consultado no site <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/afrodescendenciaseduardo.pdf> em 24 de abril de 2011)
- DUARTE, Eduardo de Assis. Machado de Assis afro-descendente – escritos de caramujo (antologia). 2.ed. Rio de Janeiro / Belo Horizonte: Pallas / Crisálida, 2007, p. 252.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2015, 116p. Prêmio Jabuti na categoria Contos em 2015.

_____. *Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face*. In: Nadilza Martins de Barros Moreira; Eliane Schneider. (Org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. 1ª ed., João Pessoa: Idéia/Editora Universitária, 2005, v. 1, p. 201-212.

FERNANDES, Rinaldo. “Vargas Llosa: um prêmio Nobelem Canudos”. São Paulo: Garamond, 2012.

IANNI, Octávio. Literatura e Consciência. In: DUARTE, Eduardo de Assis e FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Literatura e Afrodescendência no Brasil – Antologia crítica: história, teoria, polêmica*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

_____. *A violência na sociedade contemporânea*. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, n.12, p. 7-28, 2002.

JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

LIMA, S. S. R. A questão da violência doméstica e familiar contra a mulher: um estudo de história de vida no SERAV/ TJDFT. 2008, 64 F. Trabalho de conclusão de graduação do curso de sociologia, Universidade de Brasília, Brasília. 2008.

LOBO, Luíza. “Estética da Recepção”, in *Manual de Teoria Literária*, org. Rogel Samuel, Diversos autores, Petrópolis, Vozes, 1984. 189 p. [3ª ed. 1986]. [11ª ed. 1998]. p. 114-19.

LOBO, Luíza. *Crítica sem juízo*. Ensaios. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1993. 259 p.

LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

MIRANDA, Mariana Lage. *Objeto ambíguo: arte e estética na experiência cotidiana*, segundo H. R. Jauss. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 2007.

PROENÇA, Domício. *A trajetória do negro na literatura brasileira*. In: *Estudos Avançados – Revista do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo*. Vol. 18, n.º 50, jan.-abr. 2004.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

SAFFIOTI, Heleieth I. B.. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. São Paulo *Perspec.*, São Paulo, v. 13, n. 4, dez. 1999.

SOUZA, F. S. *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOUTO, C. M. R. M; BRAGA, V. A. B. Vivências da vida conjugal: posicionamento das mulheres. Rev. Brasil. de Enferm.- REBEn, Brasília, v. 62, n. 5, p. 670-674, set./out. 2009.

ZILBERMAN, Regina. Estética da recepção e história da literatura. São Paulo: Ática, 1989.

_____. “Recepção e leitura no horizonte da literatura”. In: Alea: Estudos Neolatinos. vol.10, n. 1, Rio de Janeiro, Jan./Jun. 2008.

ANEXOS

Imagem 01: Capa da obra *Olhos d'água*.

Conceição Evaristo
OLHOS D'ÁGUA



Secretaria de
Políticas de Promoção
da Igualdade Racial



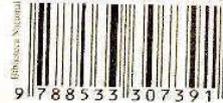
Imagem 02: Capa final da obra *Olhos d'água*.

ISBN 978-85-347-0525-7



9 788534 705257

ISBN 978-85-333-0739-1



9 788533 307391

Vi só lágrimas e
lágrimas. Entretanto,
ela sorria feliz. Mas eram tan-
tas lágrimas, que eu me perguntei
se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos
sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe
trazia, serenamente em si, águas correntezas.
Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu
rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor
de **OLHOS D'ÁGUA**. Águas de Mamãe
Oxum! Rios calmos, mas profundos e
enganosos para quem contempla a vida
apenas pela superfície. Sim, águas
de Mamãe Oxum.



MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

Secretaria de
Políticas de Promoção
da Igualdade Racial



Imagem 03: Escritora Prof.^a Dr.^a Conceição Evaristo

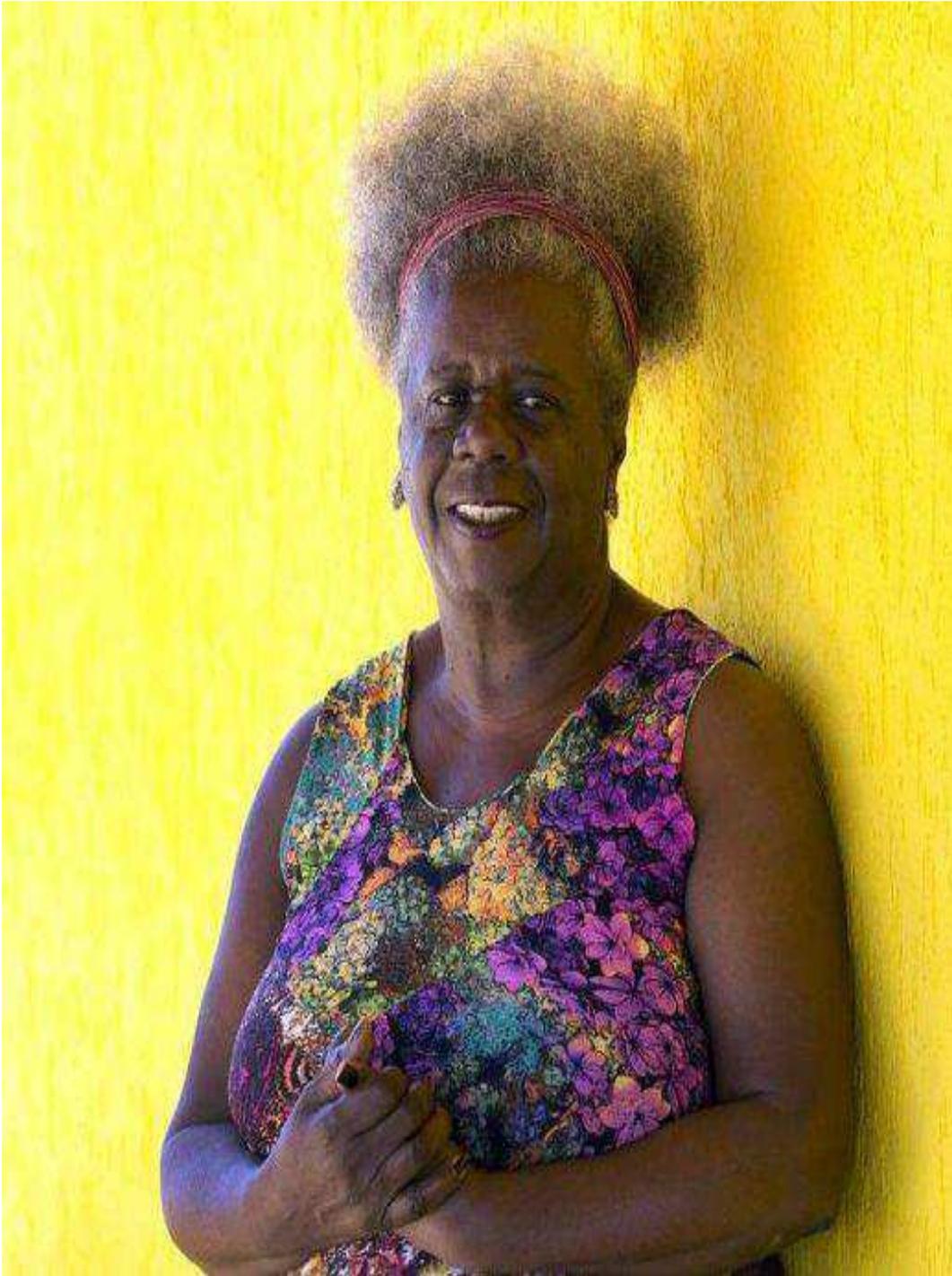


Imagem 04: Momento de leitura – conto “Quantos filhos Natalina teve?”



Imagem 05: Momento de leitura – conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”

